



Suplemento Cultural

Coordenador
Guido Arturo Palomba
n.º 50
Abril de 1991

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

O mendigo ilustre

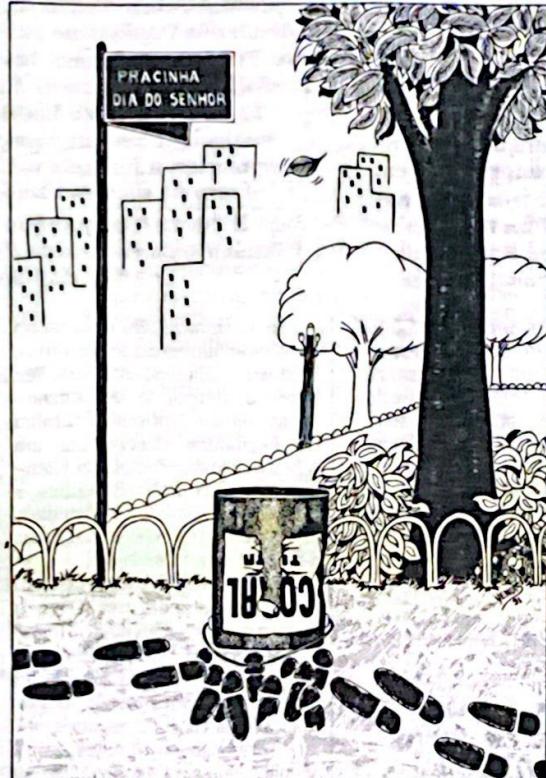
Guido Arturo Palomba

Da janela do consultório, que dá para uma praça chamada O Dia do Senhor, há dias vejo um homem magro, preto, de barbas longas, cabeça coberta com chapéu de plástico, maltrapilho, sentado sobre uma lata velha de tinta, com um maço de papel apoiado sobre as pernas, caneta na mão, a escrever.

Chega pontualmente às 8 horas da manhã e lá pelas seis da tarde recolhe seus pertences e vai embora, para voltar na manhã do dia seguinte. Durante todo o período em que se mantém no local praticamente não se levanta da "cadeira" na qual se assenta com postura adequada.

As vezes pára de escrever e leva a mão ao queixo, como que meditando, fazendo lembrar a estátua do escultor Rodin, que no duro mármore esculpiu Aristóteles sentado sobre uma pedra, cuja cabeça apoiada sobre uma das mãos dá-nos a imagem do homem dotado da suprema autoridade do pensador profundo.

Nas ruas que ladeiam a praça os carros não param de passar: buzinas tocam, sirenes de ambulância e de viaturas de polícia em eterno vai-vém, a fazer efeito Döppeler-Fizeau; pedestres passam pelo local, e o andrajoso homem permanece completamente envolto em si mesmo, a escrever e a pensar. Sequer levanta os olhos para ver o que ocorre em derredor, mesmo quando, no meio daquela agitação urbana, própria do local, algo de diferente acontece, como, por exemplo, um batida de automóveis. Parece que o mundo exterior não existe para ele. Quando chove, improvisa com



pedaços de plástico velho uma espécie de cabana, na qual se mete dentro, deixando apenas pequena abertura lateral para a entrada de ar. Pe-la silhueta nota-se que a posição é a mesma: sentado em cima da lata, papel apoiado nas pernas, caneta em punho a escrever; às vezes, a mão segura o queixo, em posição meditativa. Se estivesse numa sala, trajado adequadamente e a lata de tinta onde está sentado fosse uma poltrona, diríamos que ali se sentaria um respeitável senhor, tão boa e agradável é a sua postura, ainda que nessas condições bastante adversas.

A extrema curiosidade leva-me até ele.
— Boa tarde.
— Boa tarde, responde de pronto o mendigo, saindo de dentro de si

mesmo para acolher-me com polidez e educação.

Mais intrigado ainda pergunto-lhe o que tanto escreve, e pela resposta logo percebo que dentro daquela estranha criatura há uma alma culta e boa, que o destino ou-sou alienar, ao castigá-lo com a loucura. Percebo, também, que a vesânia não afetou toda a sua essência, pois está circunscrita a certas áreas do seu fluir mental. Se pudesse compará-lo à natureza inanimada, poderia dizer que sua mente às vezes é clara como um dia de sol brilhante; porém, outras, densas nuvens se interpõem entre o céu e a terra e aquilo que era brilho e resplandecia, vira trevas, com alguns efêmeros relâmpagos de lucidez, que clareiam e amedrontam,

não por ser ele criatura perigosa, mas sim pelo esfacelo caótico da mente conturbada.

Pedi-lhe para, quando desejasse, escrever sua biografia, uma vez que, se tivesse eu o prazer de possuí-la, poderia, desse, tentar compreender um pouco da natureza desse estranho ser humano, que fica dez horas por dia sentado escrevendo, numa praça pública, totalmente alheio ao que se lhe ocorre em derredor.

Dois dias depois voltei ao local e obtive o que lhe pedira. Quis dar-lhe dinheiro e um maço de papel em branco como forma de retribuir a gentileza. Ele só aceitou os papéis; o dinheiro, não.

Para grande surpresa minha os escritos revelaram que esse andrajoso homem fora de muita im-

portância para a Associação Paulista de Medicina. Ele começa a sua biografia assim: "Nesta escravidão e obscurantismo em que me encontro, privado de bibliografia e de qualquer meio de comunicação, começo a digerir velhas leituras e a pensar... Tudo o que ganhava trabalhando como autônomo, além de, evidentemente, gastar com as necessidades vitais, investia em livros. Sem dever um centavo, tinha uma biblioteca de dez a quinze mil volumes. Obras de grande valor didático, fundamentalmente obras raras, muitas edições principais, exemplares autografados e com dedicatórias a personalidades ilustres. Só eu sei o sacrifício que me custou construir-la. Comprava livros dia e noite, em todo lugar que os encontrava: grandes editoras, grandes e pequenas livrarias, sebos, antiquários, ferrovélos. E a falta de espaço? Todos zombavam. Desgosto-me e vou vender livros velhos pelas calçadas das ruas centrais, no Viaduto Dona Paulina..."

Exatamente nessas circunstâncias, nesse viaduto, há cerca de vinte anos, o grande mestre da cultura paulista e brasileiro, doutor Dulio Crispim Farina, encontrou-se com ele vendendo obras raríssimas, as quais foram adquiridas para formar o acervo bibliográfico da APM, uma vez que Farina era presidente do Departamento Cultural da entidade. Esse acervo, como relatado no Suplemento Cultural da APM n.º 28, "contou com a ajuda de notáveis alfarrabistas, entre eles, Folco Masucci, Líbano Calil, Lisboa da São Francisco, Olinto de Moura e ainda com um negro pobre e

anônimo, que vendia livros no viaduto Dona Paulina. Esse desconhecido homem auxiliou muito Dulio Crispim Farina na compra de pequenas bibliotecas, de onde vieram inúmeras obras de inestimável valor".

O negro pobre e anônimo fora, com o correr dos anos, dado como morto, mas o destino colocou-o diante de minha janela e eu pude ter o prazer de conhecê-lo. Quanto ao nome, o ilustre mendigo não me revelou. Pediu-me que o chamasse de *O Condicionado*, pois com o pseudônimo poderia ficar em salvaguarda "contra os ladrões que roubam tudo o que escrevo, antes mesmo de a tinta secar", em franco estado delirante. Se o delírio solapou-lhe pedaços da razão, não levou sua dignidade e o seu valor para com a memória da Medicina, pois graças a *O Condicionado* muitos livros reunidos na Biblioteca da APM, que fazem parte da história médica, estariam, alugados, dispersos, ou inutilizados por mãos que não sabem conservar.

Depois de ler a biografia senti vontade de conversar longamente com ele; talvez pudesse conseguir algum dado, alguma lembrança sobre as origens desses livros raros, verdadeiras preciosidades, que ele ajudou a garimpas. Olhei pela janela e não o vi. Passava das seis da tarde. No dia seguinte não veio... e nunca mais voltou.

Onde quer que esteja, receba do Departamento Cultural da APM os parabéns por ter-se dedicado a bibliofilia, que enaltece e lapida o homem; e os agradecimentos pela participação ativa na formação do acervo cultural da Biblioteca.

Instituto de Psiquiatria recebe o nome de Pacheco e Silva

No dia 6 de março passado o Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo passou a chamar-se Instituto de Psiquiatria A.C.

Pacheco e Silva, em homenagem a esse grande mestre da psiquiatria paulista e brasileira que, entre outras obras de vulto, criou o Instituto que passou a ter o seu nome.

No dia inaugurou-se uma placa comemorativa na presença de várias autoridades do mundo científico, político e social. Entre elas, o então secretário de Estado da Saúde, José Aristodemo Pinotti, e vários mestres da Medicina nacional: José Roberto de Albuquerque Fortes, Carol Somerraich, Eneida

A Comunidade integrante do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo experimenta, aqui e agora, nesta memorável manhã de 6 de março de 1991, instantes de grande emoção festiva. Com efeito, em expectativa ansiosa que perpassa esta solenidade, aguardamos, todos, o instante maior do descerramento da placa, que nomeia esta instituição de "Instituto de Psiquiatria Professor A. C. Pacheco e Silva", pela ilustre senhora paulista, Clárita Pacheco e Silva, filha do homenageado.

Dentre tantas atividades relevantes, cumpre salientar o grande esforço empreendido pelo professor doutor Pacheco e Silva em transferir a cadeira de Clínica Psiquiátrica para o campus do Hospital das Clínicas, que desde 1915 era lecionada em parte no Hospital de Juqueri, em parte no antigo Recolhimento das Perdizes e também no Laboratório Anátomo-Patológico da Santa Casa, e a partir de 1936 passou a funcionar no antigo casarão do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo, à avenida Brigadeiro Luiz Antônio.

Este hospital foi projetado na década de 40, mais precisamente nos idos de 1945, quando o professor doutor Antônio Carlos Pacheco e Silva - com o apoio do professor doutor Benedito Montenegro, então diretor da nossa Faculdade de Medicina, e do professor doutor Jorge Americano, na ocasião reitor da Universidade de São Paulo - conseguiu do Governo do Estado, na gestão do governador Fernando Costa,

através do decreto-lei n.º 14.456, de 2 de janeiro de 1945, que fosse construído este edifício. Seguiram-se sete anos de esforço diurno, obstinado, tenaz, do professor doutor Pacheco e Silva e sua equipe, para que finalmente, em abril de 1952, fossem atendidos os primeiros pacientes no ambulatório e, em outubro de 1953, se iniciassem as atividades da primeira enfermaria feminina.

Além de construir o prédio da Clínica Psiquiátrica do HC, Pacheco e Silva estruturou a Residência Médica.

A realização neste prédio do I Congresso Pan-Americano de Saúde Mental, em 1954, em comemoração ao 4.º centenário da cidade de São Paulo, ao qual compareceram as mais ilustres autoridades internacionais da época, marcou, solenemente, e com grande brilho, a inauguração do novo hospital Universitário de Psiquiatria de São Paulo.

Contando o nosso Estado, até então, com o Hospital de Juqueri, fundado por Franco da Rocha, instituição modelar e de prestígio internacional, em período áureo, era natural que a implantação de uma clínica universitária para pacientes agudos no campus do Hospital das Clínicas despertasse grande interesse e curiosidade.

Além de construir o prédio da Clínica Psiquiátrica, imprimir orientação técnica-científica e

Matarazzo, Marcos Ferraz, Carvalhal Ribas, Fabio Goffi, Vicente Amato, Marcos Segre, Dante Nezi.

Celso Guerra, presidente da APM, fez-se representar por Rui Telles. Duílio Crispim Farina representou a Academia Paulista de Letras. Oswaldo Silva, o Clube dos 21 Irmãos Amigos; Levy de Azevedo Sodré Filho, a Fundação Cáspér Libero. Presentes ainda na solenidade os filhos, netos e bisnetos do homenageado. A festividade contou com vários oradores, os quais relembraram a fecunda vida de Pacheco e Silva. Abaixo a íntegra do discurso proferido na ocasião pelo prof. José Roberto Albuquerque Fortes, titular da cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

iniciar a composição do quadro de valores humanos do Instituto, Pacheco e Silva estruturou a Residência Médica, e, ao aposentar-se, deixou a primitiva cátedra de Psiquiatria desdobrada em três disciplinas: Psicologia Médica, Medicina Psicosomática e Psiquiatria Clínica, lecionadas, sucessivamente, nas três últimas séries do curso médico.

Pacheco e Silva e seus colaboradores, Fernando de Oliveira Bastos, João Carvalhal Ribas, Amando Caubi Novaes, Paulo de Camargo e Henrique Marques de Carvalho, e com o apoio de novos valores recém-chegados, introduziram novos rumos à assistência, ao ensino e à pesquisa na área de Psiquiatria da Faculdade de Medicina.

Atendimentos ambulatoriais e nas enfermarias, utilização de valioso material para as aulas práticas, estudo minucioso de casos enriquecidos com a disponibilidade de preciosos recursos subsídios, criaram, desde logo, condições objetivas para a realização de pesquisas, publicação de revistas, trabalhos, monografias, teses e livros, que foram aparecendo naturalmente nos anos que se seguiram.

Nosso homenageado, nascido na cidade de São Paulo a 29 de maio de 1898, era filho de Persio Pacheco e Silva e de Escolástica de Lacerda Pacheco e Silva. Realizou nesta Capital seus estudos primários e secundários: primeiro na Escola Americana, em seguida no Ginásio Nogueira da Gama e depois no Colégio Mackenzie. Proseguiu seus estudos matriculando-se na tradicional Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplo-

mou em 1920. Em seguida, viajou para o Exterior e fez cursos de aperfeiçoamento em clínicas europeias. Freqüentou o Serviço de Charcot na Salpetrière e realizou cursos especializados com Pierre Marie, Babinsky, Dupré, Pierre Janet, Claude e outros mestres franceses.

Voltando a São Paulo, em 1921, foi nomeado médico do Hospital de Juqueri, o qual veio depois a dirigir, a partir de 1923, por indicação do professor doutor Franco da Rocha que, então, se afastava da direção daquele hospital, por aposentadoria.

A administração realizada por Pacheco e Silva no hospital de Juqueri foi primorosa, reconhecida e muitas vezes elogiada por todos, inclusive por aqueles que não foram seus discípulos. Em contato constante com o Exterior, imprimiu permanente ampliação e modernização naquele frenócio.

Publicou mais de mil trabalhos, entre editoriais, artigos, conferências e relatórios, em revistas nacionais e estrangeiras.

São numerosos os aspectos mais relevantes de existência tão rica e virtuosa: como cidadão, chefe de família, médico psiquiatra, professor universitário, intelectual, literato, político, teve oportunidade de imprimir vestígios de sua personalidade marcante e afirmativa nas dimensões mais diversificadas. Não se limi-

Psiquiatria da USP Pacheco e Silva

tou a exercer simplesmente as tarefas que lhe foram confiadas: direção do Hospital de Juqueri, Superintendência da Assistência Geral aos Psicopatas do Estado de São Paulo, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, fundador e professor da Escola Paulista de Medicina, professor de Psiquiatria Clínica e Forense no curso de doutorado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, professor de Serviços Sociais na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Assim como nas demais responsabilidades que assumiu, excedeu-se no cumprimento dos deveres.

Também pertenceu a numerosas sociedades científicas e culturais, tendo presidido várias delas.

Revelando elevado espírito cívico, militou na vida política do País como deputado estadual e deputado federal na Assembléia Nacional Constituinte, no período de 1934 a 1935. Participou, também, ativamente no movi-

mento constitucionalista de 1932, durante todo o período revolucionário. Posteriormente, integrou à comissão encarregada de angariar fundos para a construção do Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 1932.

Publicou cerca de 1.200 trabalhos, incluindo editoriais, artigos, notas prévias, conferências e relatórios em revistas nacionais e internacionais. Escreveu, também, vários livros, sendo dois deles premiados: *Psiquiatria Clínica Forense e A Violência e a Segurança Nacional*.

Pertenceu a numerosas sociedades científicas e culturais, tendo fundado ou presidido várias delas: fundador e presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, presidente da Academia Paulista de Medicina, presidente do Sindicato dos Médicos do Estado de São Paulo. Presidiu a Aliança Francesa, a União Cultural Brasil-Estados Unidos, o Centro Cultural Brasil-Suécia, o Comitê Franco-Americano e outros. Presidiu, também, a Federação Mundial para a Saúde Mental; foi membro do Colégio Internacional Neuro-Psicofarmacológico, da Associação Psiquiátrica Americana, da Academia das Ciências de Lisboa, da Real Associação Médico-Psicológica, da Associação

O decreto que deu o seu nome ao Instituto de Psiquiatria foi assinado no dia 19 de dezembro último.

ção Psiquiátrica Peruana e outros mais. Cumpre, ainda, assinalar que o homenageado era membro da nossa Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira número 34.

Em reconhecimento aos elevados méritos dos serviços por ele prestados à saúde pública, foi distinguido com várias menções honrosas e condecorações, sendo de justiça salientar, entre elas, a Ordem Nacional de Mérito como Grande Oficial, a Grã-Cruz da Ordem de Mérito Médico, Oficial da Legião de Honra da França, Medalha do Mérito Tamandaré, Ordem da Saúde Pública da França e a Medalha da Ordem Nacional de Mérito da França.

Considerando os múltiplos aspectos registrados nesta breve apreciação da vida e da obra do professor Pacheco e Silva, o Conselho do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina, da USP, em reunião reali-

zada em 25 de maio de 1968, decidiu, por unanimidade, solicitar ao presidente do Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas, professor doutor Fábio Schmidt Goffi, então diretor da Faculdade de Medicina da USP, providências no sentido de o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas ser denominado "Instituto de Psiquiatria Professor A. C. Pacheco e Silva".

Com a aprovação desse Conselho e a manifestação favorável do superintendente do Hospital das Clínicas, professor doutor Vicente Amato Neto, e do então secretário da Saúde, professor doutor José Aristodemo Pinotti, após o preenchimento das formalidades de praxe, o então governador do Estado, Orestes Quérnia, no dia 19 de dezembro último, assinou o decreto n.º 32.747, que denominou o Instituto de Psiquiatria de "Instituto de Psiquiatria Professor A. C. Pacheco e Silva".

Concluindo, em nome do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e do Conselho Diretor do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o êxito desta homenagem.

A importância da notícia

* Isaac Grinberg

Mudam os tempos, os hábitos, as modas. Até a Imprensa muda.

Velho jornalista, acompanhei de certa forma muitas dessas mudanças. Mas nunca poderia supor que a transformação fosse tão profunda e tão ampla. Em todos os sentidos.

Dos velhos parques gráficos sobrou pouco. As linotipos, os tipos para título, as entrelinhas, o chumbo e tudo o mais foram engolidos pelos computadores, pelos digitadores, pelos "paste-up" etc. Os clichês foram substituídos pelos fotolitos ou até por melhores recursos do computador. O telefone perdeu muito de

sua força para o fax. E assim por diante...

Até a redação mudou. Do redator que escrevia sobre tudo - uma espécie de clínico geral - nada sobrou. Hoje só há especialistas.

Para boa parte da imprensa, mudou inclusive a linguagem. E para alguns jornais, felizmente poucos, mudou até mesmo o enfoque ou a forma de ver os fatos. Para esta minoria só vale a tragédia, e o noticiário policial recebe tratamento de manchete.

Há poucos dias um velho companheiro de jornal comentava essa tendência mórbida e ilustrou sua tese com uma noti-

cia hipotética, que me pareceu muito expressiva:

INCÊNDIO DESTRÓI LABORATÓRIO

O dr. John Power, 68, Prêmio Nobel, preparava-se na tarde de ontem para comparecer a uma sessão da Academia de Medicina, quando um acidente quase lhe custou a vida.

Ao apanhar uma pasta que continha seu discurso, o conhecido cientista provocou a queda ao chão de vários tubos de ensaio, os quais espatifaram-se espalhando substâncias altamente corrosivas. Houve explosões e gotas dos líquidos atingiram a mão da vítima, por pouco não lhe causando sérias queimadu-

ras. Socorrido imediatamente, o médico ainda conseguiu colaborar com seus auxiliares para debelar o pequeno incêndio provocado pelas explosões.

Chamada ao local, uma guarnição do Corpo de Bombeiros logo compareceu, mas não havia mais necessidade de sua atuação, pois o incêndio havia sido debelado.

O dr. John Power, já refeito do susto, compareceu à noite à sessão da Academia de Medicina, onde fez a comunicação oficial de ter finalmente descoberto a cura da Aids.

* Isaac Grinberg é membro da Academia Paulista de História.

Cartas, cartões & CIA: modo de usar

* Levy Sodré

Marque presença com seu cartão pessoal, sempre... sempre...

Nada mais prático do que um rápido telefonema para marcar encontros, confirmar presença ou para convidar. Por outro lado, nada mais apropriado do que um cartão pessoal para agradecer, presentear e mandar qualquer tipo de mensagem, segundo o bom código social "comme il faut". Afinal, o seu cartão de visitas é, ao pé da letra, a sua melhor apresentação. E saber como, quando e onde usar o melhor tipo de cartão demonstra o seu talento e "savoir faire" em matéria de etiqueta.

Nos seus primórdios, os cartões de visita eram verdadeiros objetos de joalheria, feitos em pergaminho ou papel vegetal de primeiríssima qualidade, para não citar os que eram confeccionados em papel especial extralíngua ou em cartolina inglesa, impressos em alto relevo com letras personalizadas. Sofisticações à parte, atualmente os cartões chegaram a uma padronização aceitável: o cartão social deverá ter, em média, 60 milímetros quadrados de papel de boa qualidade, em relevo americano, com letras de talhe francês (ou outro que combine com o seu nome) e deve ser unicamente em cor branca. Em casos que fogem à regra, permite-se acrescentar ao nome o título e cargo do portador (distinção feita, por exemplo, aos políticos e aos médicos).

Sa em certos países, como a Inglaterra, é comum acrescentar títulos de nobreza ou um sir ou lord ao nome no cartão, no Brasil tais medidas são no mínimo cabotinas: sempre é bom lembrar que os títulos de nobreza do Império eram pessoais e, portanto, não transmissíveis aos herdeiros. Por isso, é de extremo mau gosto no Brasil usar o escudo ou brasão ao lado do próprio nome.

Outro porém: se antigamente o cartão social trazia simplesmente o nome, hoje é comum e conveniente que o endereço seja incluído na parte inferior do impresso, sobretudo se o cartão tem uso profissional. Discretamente, é claro.

Esse dado colocado na extremidade e no verso do cartão dá um toque ainda maior de elegância. É bom lembrar que criatividade em cartão social pode ser arriscada: cartões coloridos, feitos em laminados de madeira, cortiça ou plástico, mais que excentricidade, revelam gosto caipira.

Como e quando usar um

cartão pessoal? Existe, como em tudo, um rito. Só entregue seu cartão de visitas quando desejar manter um relacionamento social com o apresentado e, caso esteja sem o seu cartão, por favor: nada de anotar endereço ou telefone em papel impróprio, tipo guardanapos, cartão de terceiros ou até no maço de cigarros como acontece com inaceitável frequência em festas e reuniões sociais brasileiras. Se for apresentado a um casal, entregue seu cartão ao marido, caso esteja você também com sua esposa, entregue o cartão do casal. Um homem desacompanhado só entrega seu cartão a uma mulher também desacompanhada se tiver conversado sobre assuntos profis-

seu nome, acrescido do outro e entre os dois, o novo endereço, abaixo. Não é usual nem recomendável que duas amigas (ou amigos) que morem juntas comuniquem via cartão impresso o endereço comum. Justa ou injustamente, sugeriria que se trata de um casal gay.

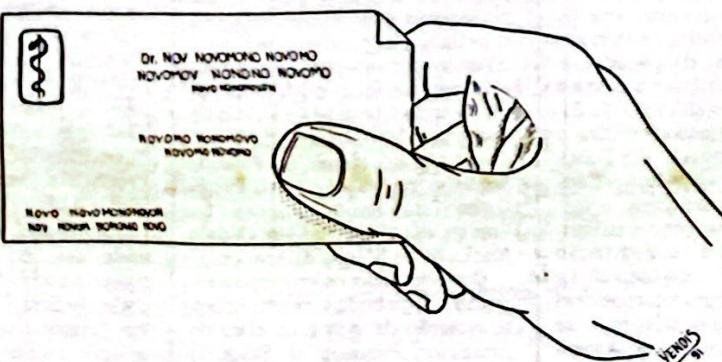
Desde que se tenha intimidade suficiente, o telefone pode ser super útil para quem quer se desculpar depois da ausência numa festa, por exemplo. Mas vale registrar que o papel de carta, branco, bege ou cinza-claro, devidamente personalizado com seu nome impresso, dá um toque alinhado às suas justificativas e desculpas.

No mundo diplomático

em equivalência de prestígio e distinção, lembro que naquelas países o designativo de "status" vem após o nome e sobrenome. Ex: esq. (em minúscula esquerda, KBE - abreviatura em maiúscula de Cavaleiro do Império Britânico, uma das mais altas distinções do Reino, etc. etc.).

Diferente de nossa cultura algo chegada à galhofa, onde doutor é quem só aparenta ser, no assunto espantam-se os estrangeiros quando alguém com um título não "muito" à fiel realidade se apresenta.

Muito correto, digno e honesto é o uso, nos países de maior índice de civilização, que indica quando apresenta-



sionais. Usar um cartão sem motivo, com pessoa não conhecida, nem sempre é de bom tom.

Quando você receber um cartão e não tiver como retribuir no momento, manda a boa educação que se retrai, no dia seguinte, com um cartão pessoal, com seu endereço. Muito útil, na prática, é o cartão tipo duplo, dobrado, medindo normalmente 10 X 15 cm; a capa contém uma discreta inscrição e, internamente, à esquerda, consta o endereço residencial. Esse é o cartão ideal para acompanhar flores, bombons, pequenos presentes ou mensagens. Cartões são sempre escritos à mão. O cartão duplo, atualmente, tem sido muito usado para participação de residência de novos casais: em cima o nome da esposa e, embaixo, o do marido; na parte interna, o endereço comum e a frase gentil, participando o novo endereço. Ao homem solteiro, com vida social intensa, também se recomenda enviar o cartão duplo participando a nova residência. E para o casal que mantém uma relação com intuito de duração, mas sem oficialização civil? Nesse caso, cada qual deverá usar o

existe todo um código que acompanha e distingue o uso de cartão. O cartão com dobrado da esquerda para a direita, verticalmente, significa que foi entregue pelo próprio remetente. Caso contrário (quando levado por um mensageiro), deverá ter, na parte inferior, à direita, uma mensagem cujos códigos são internacionalmente conhecidos: * p.v. (pour visiter) é o ideal para se enviar flores a pessoas de cerimônia (uma embaixatriz, esposas de colegas, conhecidos ilustres e assim por diante); * p.f. (pour féliciter) para marcar congratulações por aniversário, celebrações de datas nacionais e outros acontecimentos sociais; * p.r. (pour remercier) para agradecimentos em geral; * p.m. (pour me moire) para relembrar convite feito pessoalmente ou por telefone.

No caso específico do médico, na Europa toda e nos Estados Unidos por influência do prestígio da profissão, usa-se o MD (medecin doctor) ou o Ph-MD (physician) após o nome. Pode ou não ser antecedido ao nome o "Prof." desde que seja titular de cátedra. Quando falo

do: engenheiro fulano, advogado sicrano, indo até mesmo às profissões que são mais modestas: livreiro beltrano, eletricista e mecânico fulano de tal.

Naturalmente, no dia-a-dia, essas regras do manual diplomático ganham um tom menos formal. Mas é comum que mesmo em convites para cocktails, festas e almoços mais à vontade, conste a abreviação internacional R.S.V.P. ("responda por favor", em francês). Um convite com este pedido, é claro, deve obrigatoriamente ser respondido através do número de telefone indicado no próprio convite. Praxes à parte, o uso de cartões, mesmo entre amigos, sempre marca elegantemente a sua presença. Um papel que cabe a todos desempenhar da melhor forma possível...

* Levy Sodré foi assessor do ex-secretário da Saúde do Estado, Nelson Rodrigues dos Santos. Atualmente, é assessor da Presidência da Fundação César Líbero. O artigo foi publicado na revista Vanity, tendo sido adaptado e revisado para o Suplemento Cultural.

Coluna do livro

Recebemos, no mês passado, quatro livros, que ficarão na Biblioteca da APM para quem quiser consultá-los, os quais passamos a comentar brevemente:

1 - **Atualização em Endoscopia Digestiva**, organizado por Artur A. Parada, Alvaro Gutierrez e Filadelfio E. Venco, editora Apolo-Endomed - Pentax. A obra, atualíssima, trata de temas variados, oferecendo ensinamentos úteis e necessários aos que se dedicam à especialidade.

2 - **Monitorização Envasiva**, organizado por Renato G.G. Terzi e Sebastião Araujo. Trata-se de um manual que foi elaborado para as sessões de Workshop realizadas durante a II Jornada de Terapia Intensiva de Campinas. Dispõe sobre técnicas de relativa complexidade e riscos, as quais, segundo os organizadores, exigem conhecimento prévio e equipamento apropriado. Os organizadores do livro explicam o que se segue: "A monitorização intracraniana é o único método de se mensurar a pressão dentro da cabeça do doente e permite reduzir as lesões cerebrais e as sequelas neurológicas; mais ainda, são poucos os profissionais capacitados para utilizá-la no País".

3 - **Estância Hidromineral de Águas de São Pedro**, escrito pelo médico e general reformado do Exército Brasileiro, Ruy Bueno de Arrua Camargo, Edt. DENAC/DR-SP, 1990. O livro valoriza os dotes da natureza sob aspectos variados, focalizando os benefícios do uso de águas minerais.

O autor, profundo conhecedor da matéria, descreve não só os seus efeitos medicinais, mas também a composição físico-química das diversas águas minerais brasileiras, comparando-as às principais águas minerais do Exterior. Ensina, também, como usá-las e relata casos clínicos que se beneficiaram da crenoterapia.

4 - A quarta obra recebida é a **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, volume I, n.º 1, 1990, edt. Iglu. Seu conteúdo, muito bom, aborda variados temas, todos expostos com clareza, à luz da ciência, entre os quais destacam-se: Educação, Sexualidade e História; Terapia Sexual; Influência dos Meios de Comunicação no Descobrimento da Sexualidade; Sexualidade Humana, Uma Perspectiva Histórica. Há, ainda, vários outros artigos interessantes, cujos autores, médicos, psicólogos etc, fazem parte da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana e desenvolveram seus trabalhos no Instituto H. Ellis. G.A.P.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Annelise R.F. Thon
Carlos Kleber Canova

Tertulia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca
Walter Pinheiro Guerra - Biblioteca

Nelson Pedral Sampaio
Wanda Gonda

Pinacoteca